

Quando a esquizofrenia cede lugar à verdade

(03.12.2008)

"Só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar. E eu não vou me resignar nunca". (Darcy Ribeiro)

Um dia, fascinados resolveram imputar-me o rótulo de falso jornalista. Para tal se apegaram à falta do diploma. O que não impede qualquer cidadão de escrever e manifestar o próprio pensamento. Certamente estavam a serviço de alguém que se sentiu incomodado com verdades por mim publicadas. Tanto é assim, que a sanha persecutória serviu a muitos e distintos senhores, sempre tendo os mesmos detratores da honra alheia como vergonhosos escribas de aluguel.

Para minha surpresa – grata, diga-se de passagem – o jornalista Carlos Brickmann saiu em minha defesa, lembrando que “a Arca de Noé foi construída por gente sem diploma. O Titanic, por gente com todos os diplomas possíveis e imagináveis”. Resposta genial de um jornalista genial. Como os ataques fugiram dos resultados programados, alguém, sabe-se lá a mando de quem, resolveu classificar-me como esquizofrênico. Confesso que achei interessante a adjetivação, pois esse alguém inovou ao abandonar a mesmice das acusações anteriores.

"O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte".

Foi esta célebre frase de Friedrich Nietzsche que evitou que a esparrela do novo e covarde acusador me enredasse. Tudo aconteceu como tal. Continuei vivo para ver a imputada esquizofrenia ser dragada pela verdade incontestável dos fatos. Muitos me perguntaram se algo faria contra aqueles malfeitores – o que seria dar importância a quem não merece –, mas preferi acreditar que o tempo mais uma vez seria o senhor da razão. Até porque, a pecha de esquizofrênico me foi dada apenas porque lutei contra o mais oportunista banqueiro nacional, quando muitos acreditavam ser aquela batalha obra do meu imaginário. Apostaram, penso eu, que havia criado um personagem para ter com quem digladiar diariamente.

Acusações de tal naipe em nada mudam o ritmo da vida, especialmente porque não fora aquele o açoite de estréia. Importantes veículos de comunicação chegaram a publicar, de forma antiética e criminosa, que este que ora escreve sofria de mania de perseguição. O tempo passou, de maneira célere, é verdade, e os acusadores de então se viram obrigados a reconhecer o erro cometido, uma vez que o desencadear dos fatos era incontestável. Homem de fé inabalável, trilhei o único caminho possível:

perdoar. Desde então, a perseguição se inverteu, pelo menos conceitualmente. De chofre, os acusadores passaram a sonhar com a face nem sempre noticiada da verdade. Com eles - meus acusadores - soube dividir as informações, desde que o meu trabalho como informador não ficasse comprometido.

No Brasil, a exemplo do que acontece em outros tantos lugares, onde alarifes decidem o destino de milhões de incautos através de negociatas, defender a pátria é uma irreversível psicopatia. Ao longo do tempo, a seqüência dos acontecimentos provou que a esquizofrenia campeia na seara daquele que ousou acusar-me de maneira leviana, como forma de ele, sim, conseguir um inimigo virtual para combater. Por sorte não lhe dei esse prazer, assim como fiz com outros algozes. Afinal, o desprezo é o mais poderoso dos venenos.

Em tese, pessoas de bom senso não perderiam tempo processando esquizofrênicos. Ao perceber que me aproximava cada vez mais da realidade dos fatos, o banqueiro não titubeou e apelou para a Justiça. Tentou calar-me como nos tempos da ditadura. Usou a força imunda do dinheiro para sufocar a propagação da verdade. Para frear o meu patriotismo valeu-se de tudo. As mais distintas formas de intimidação foram alçadas ao cenário do embate. Das mais primárias às mais sórdidas.

Desafiar alguém com tantos arcabouços não é tarefa das mais fáceis. Foi preciso agilidade para escapar de lanças venenosas e quase certeiras. Diferentemente do que alardeia em todos os quadrantes, o inimigo não é a candura que emergiu das entranhas da genialidade. Interromper tão criminoso status quo era preciso. Foi então que resgatei um pensamento de Ernesto "Che" Guevara, para quem "os poderosos podem matar uma, duas ou até três rosas, mas jamais poderão deter a primavera". É cedo ainda para afirmar que a primavera chegou para ficar, mas, para não dizer que não falei de flores, acreditar na minha semente é uma obrigação.

Como se reprise fosse – afinal prisões ocorreram em julho passado – recebi cumprimentos após o anúncio da condenação judicial em primeira instância. Lembrei a todos que nada existe para ser comemorado. O calvário alheio não pode jamais ser objeto de qualquer comemoração. A sensação que experimento, novamente, é do dever cumprido. Não sem antes ter sido um dever cumprido, mesmo sabendo que longo é o caminho que se avizinha.

Independentemente de quais sejam os desdobramentos do caso, a decisão ora anunciada sepulta a esquizofrenia com que me "presentearam" de maneira covarde e galhofeira. O inimigo, que de imaginário nada tem, está prestes a pagar por seus atos. Como cidadão, sigo o meu caminho com o olhar no horizonte, pois é lá que vislumbro o melhor do meu País. Como profissional, após ver a minha dignidade ser devorada no Coliseu oportunista, deixo o episódio com altivez, pois não me curvei a ofertas espúrias, as quais saciaram os criminosos desejos materiais de escribas encanudados que emprestam suas penas ao primeiro que surge chacoalhando o porta-níquel.

Louco? Sim, pelo Brasil e nada mais!

ATENÇÃO: O inteiro teor do site (www.uchohaddad.com.br) e a obra aqui reproduzida
estão sob a proteção da Lei de Direitos Autorais.

Todos os direitos reservados - Copyright © 2013 - Ucho Haddad